



II CONEDU
CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

GÊNERO E EDUCAÇÃO – UMA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA DE PESQUISAS INTERNACIONAIS

Autora: Daiane de Macedo Costa Conti

Universidade Estadual do Rio de Janeiro - daianecosta89@yahoo.com.br

Coautora: Carmen Lúcia Guimarães de Mattos

Universidade Estadual do Rio de Janeiro – carmenlgdemattos@globocom.com

RESUMO

Este texto é parte integrante de uma pesquisa de mestrado que teve como objeto os estudos sobre gênero em pesquisas internacionais. Para a realização desse trabalho foram explorados 50 textos selecionados a partir de uma amostra de mil documentos oriundos da biblioteca virtual da Universidade de Sydney na Austrália. Este estudo de natureza bibliográfica utilizou mapas conceituais e desenvolveu análises indutivas tendo como objetivo geral estabelecer a relação entre gênero e educação. Os resultados mostram uma tendência em utilizarem nas pesquisas as perspectivas binárias/dualistas em detrimento às perspectivas pós-estruturalista como suporte analítico-interpretativo. Finalmente, este estudo denuncia a necessidade de pesquisas mais comprometidas com o enfrentamento das desigualdades de gênero, em especial as minorias silenciadas pelas pesquisas examinadas, onde o mundo foi dividido entre homens e mulheres, na perspectiva de uma ordenação única de gênero, sem levar em conta as diferentes variações, interações e opções de gênero existentes na sociedade contemporânea.

Palavras-chave: gênero, educação, estado do conhecimento, pesquisa internacional.

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa o objetivo de situar o leitor sobre como se formou, e vem se formando, as conjunturas e as ordenações de gênero nas pesquisas internacionais de modo a entender a sua inserção na área da Educação. Entende-se que esse tema deve ser incluído na educação, pois na história do Brasil e do mundo a questão de gênero esteve implícita em muitos debates, principalmente na busca de direitos no movimento feminista, que teve início nos anos de 60 e 70.

Entende-se que a discussão do tema na área da educação é importante, porque apesar da escola ter se democratizado nos anos de 90, ela não alcançou um grau de qualidade desejável



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

(OLIVEIRA, 2008), onde muitos escritos afirmam que ela se tornou uma espaço que inclui ao mesmo tempo que exclui (MATTOS, 2009). Portanto, é possível que se encontre na temática gênero mais razões que colaborem para que essa escola siga avançando.

Para responder os questionamentos propostos, esta pesquisa realizou uma análise de 50 pesquisas internacionais. Todas elas provenientes da biblioteca da Universidade de Sydney, na Austrália. Onde foi possível a construção de um acervo de 1.000 textos, onde 50 deles foram usados para este trabalho. A escolha desses textos será detalhada na metodologia.

Para realizar esta pesquisa do tipo bibliográfica, a metodologia escolhida foi a que comumente é utilizada para construir apreciações sobre determinado assunto ou área de estudo. Essa é a metodologia que incide na construção de um estudo sobre o estado do conhecimento sobre um determinado tema, no caso deste estudo foram os estudos sobre gênero (ROMANOWSKI; ENS, 2006; FERREIRA, 2002; MESSINA, 1998).

Dessa forma, investigou-se as relações existentes entre educação e gênero. Observou-se que ambas as categorias tinham muitas relações em comum, que algumas delas eram características do sexo masculino e outras do sexo feminino, porém todas as características tinham categorias que abrangiam um denominador comum a ambos os sexos.

METODOLOGIA

A metodologia escolhida para analisar as questões que permeiam a temática do estudo é a que consiste na construção do estado do conhecimento de um determinado tema. (ROMANOWSKI; ENS, 2006; FERREIRA, 2002; MESSINA, 1998). De acordo com Ferreira (2002), nos últimos 15 anos têm sido produzidos uma gama de estudos denominados como estado do conhecimento. Essas mesmas pesquisas de caráter bibliográfico têm como objetivo a investigação de produções científicas. Essa investigação tem como fim um mapeamento do que se tem compreendido sobre determinada área, em determinado tempo histórico, em determinado meio social, ou seja, em que condições vêm sendo produzidas as publicações, querendo responder o que, sobre quem, o que se tem destacado nesses trabalhos, etc. O pesquisador que se propõe a fazer um trabalho como esse



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

não estará fazendo uma síntese de toda a educação brasileira ou qualquer outro tema. Ele estará apenas estudando um fragmento importante do assunto, que precisa ser investigado.

Dessa forma, visando realizar uma pesquisa qualitativa esse trabalho baseou-se em uma lista de procedimentos de Romanowski (2002), que necessitam ser seguidos para que seja possível realizar uma pesquisa com essa proposta: 1) definir os descritores para a busca de material, 2) localizar os bancos de pesquisas, 3) estabelecer critérios para escolher o material que fará parte do estado da arte, 4) fazer o levantamento das produções catalogadas, 5) coletar o material de pesquisa, 6) ler toda o matéria considerando os temas relevantes e recorrentes, 7) analisar e elaborar as conclusões. (ROMANOWSKI, 2002, p. 15-16).

O primeiro, o segundo e quinto item da lista foram realizados no ano de 2009 com o grupo de pesquisa Núcleo de Etnografia e Educação. Esse mesmo grupo de pesquisa havia iniciado em 2008 a pesquisa, — Fracasso Escolar no Brasil: gênero e educação (MATTOS, 2008 – 2010) — e precisava reunir publicações que abordassem o tema gênero e escola. Dessa maneira, foi realizada uma busca de arquivos nacionais e internacionais em periódicos online. O acesso a arquivos internacionais foi possível, pois a coordenadora do grupo, Carmen de Mattos, obteve acesso a biblioteca da Universidade de Sydney. A busca desse material foi realizada pela busca da palavra-chave - gênero ou gender - no caso dos catálogos internacionais. Nessa coleta de material foi construído um acervo de cerca de 1000 textos internacionais e 300 nacionais.

Diante da diferença entre os textos nacionais e internacionais, esta pesquisa voltou-se exclusivamente para a produção internacional. Primeiramente, porque grande parte da produção nacional foi analisada para o projeto de pesquisa citado e demais trabalhos desenvolvidos pelo grupo. Já a produção internacional, como era três vezes maior que a nacional, pouco foi utilizada para esse projeto. Entende-se que a mesma sendo maior possibilita mais discussão sobre o tema.

Seguindo os procedimentos da lista o item três e o quatro, também foram concluídos logo no início da pesquisa. Os 50 textos para compor este estado da arte foram selecionados da seguinte maneira. Primeiro foram escolhidos aqueles que tinham o tema gênero como assunto central. Depois foram separadas aquelas pesquisas cuja discussão englobava a temática da educação. Para isso, aqueles escritos que possuíam no título ou no corpo do texto a palavra gênero e educação foram selecionados. Os textos que continham as palavras em inglês gender, education, university,



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

classroom entre outras. Além disso, foram escolhidos apenas artigos científicos ficaram de fora resumos, dissertações e teses. Os resumos não entraram por apresentarem as suas limitações a respeito do conteúdo. Já as dissertações e teses por serem consideradas muito extensas não entraram nessa seleção, pois o tempo disposto para a realização da pesquisa era curto.

Em seguida a pesquisa partiu para a fase da leitura que teve como objetivo a elaboração de mapas conceituais de cada texto. Esse mapa conceitual foi composto de acordo com os objetivos da pesquisa de mestrado. E um desses objetivos era encontrar os temas relacionados a gênero e educação, gerando assim, os resultados deste texto. O último item do mapa conceitual “Quais os temas que mais foram relacionados a educação-gênero” é que promoveu o resultado das investigações deste trabalho. Esses resultados poderão ser conferidos a seguir no próximo item.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A educação formal ocorre na escola, local que se tornou aparelho ideológico do estado (CARNOY, 1990, LOSH, 2004) da formação inicial até o nível Superior. De acordo com esses autores constatou-se que a escola funcionava inculcando em seus alunos o interesse da classe dominante. A princípio, esta foi uma imposição apenas com o interesse no capital, porém ao estudar essas questões percebe-se que o intuito geral dessa ideologia foi na verdade “cimentar as relações sociais e manter a coesão social (WARDE, 1983, p.46)”. A intenção era propagar de maneira implícita visões de mundo do grupo hegemônico. Isso inclui desde o ensinamento de que o trabalho é algo natural até a aceitação das diferenças, a aceitação de que existe um padrão de comportamento de classe, de sexo, de cor, do modo de falar, agir e reagir (LINHARES et. al. 2007).

O indivíduo passa a ser dominado ideologicamente e acredita que os pensamentos veiculados pela escola são próprios dele, levando-o a não questionar a ordem vigente e a escola tem permanecido assim até os dias atuais. (MARX, ENGELS, 1998). Portanto, entende-se que o espaço de formação da sociedade tem funcionado como reprodutor e mantedor das relações de gênero.

Ao analisar os escritos de gênero é possível constatar que a maior parte dos estudos trata das diferenças sexuais e sobre a questão da dominação masculina. Nesses estudos uma das ideologias dominantes é da superioridade masculina, de acordo com essa ideologia existe uma hierarquia



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

social onde no mais alto grau da pirâmide está o homem branco, seguido da mulher branca, do homem negro e da mulher negra (LONG, BOLARSKY, THAYER, 2001; BOK, 2004).

Na pirâmide de gênero descrita por Bok (2004, p. 46), nota-se que as mulheres estão abaixo em relação aos homens. Estudos como o de Gooden (1997) retratam a discriminação vivida pelas mulheres quando houve o fim do welfare state nos Estados Unidos, benefício do governo que garantia o bem-estar social do povo. As mulheres tiveram que buscar emprego, já que o benefício seria cortado. Nesse contexto, a pirâmide de gênero sofreu uma variação onde elas novamente ficaram em desvantagem em relação aos homens, pois as assistentes sociais responsáveis por designar propostas de trabalho priorizaram mais os homens brancos e negros. Diante disso, as mulheres tiveram que aceitar qualquer opção de trabalho (PITZ; DELGADO, 2002).

Essa hegemonia masculina ocorre antes mesmo da escola, pois elas eram proibidas de ter acesso ao saber como eles tinham através da instituição escolar (CONNELL, 1992; 1998; 2009). Apenas eles podiam ter uma formação e seguir uma carreira. Porém, depois da guerra, nos anos 1970 e 1980 a luta por ações que fossem menos discriminatórias às mulheres começou a acontecer. Com isso, a possibilidade de frequentar a escola começou a chegar às mulheres. Entretanto, como relata Pilcher (2007) em um estudo sobre os documentos da escola primária da Inglaterra no período de 1870 e 1977, as primeiras possibilidades delas frequentarem a escola foi apenas com o intuito de formá-las como donas de casa, esposas e mães. Esse era o currículo educacional formado para elas. Valiente (2002) observou o mesmo na Espanha, ao estudar as pesquisas espanholas no período de 1975-2001. Apesar de hoje as escolas serem em sua grande maioria mistas, ainda há diferença no ensino geral e profissionalizante de homens e mulheres (VALIENTE, 2002).

Neste texto, ao ser feita a análise da temática da educação nas pesquisas de gênero compreender-se-á que muitas das diferenças de gênero perduram há anos. E, principalmente, foi possível identificar que as mulheres ainda sofrem com essas diferenças, mesmo depois de muitos anos de questionamentos levantados pelo movimento feminista. Essa pirâmide hierárquica social se sustenta, apresentando em alguns momentos a variação do homem negro se posicionar no lugar da mulher branca, formando assim o grupo dos homens e das mulheres. Onde os homens ainda ficam em vantagem.

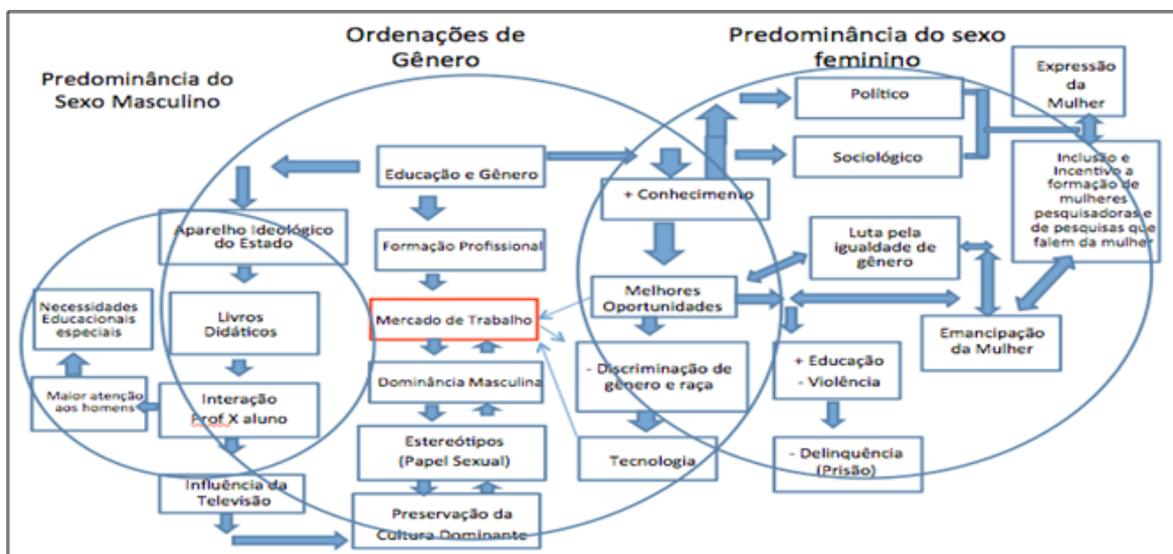


II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

Na análise dos 50 textos foram levantadas as categorias que mostraram as categorias que englobavam os temas gênero e educação. Após esse levantamento notou-se que algumas das categorias encontravam-se no mesmo campo semântico, ou seja, compreendiam as mesmas ideias e valores. Por exemplo, as categorias mercado de trabalho, formação profissional e diferenças sexuais se correlacionavam, pois uma levava a outra. Dessa maneira, optou-se por desenvolver a figura 2 um esquema das interconexões, interfaces e correlações de um tema, com outro que será visto a seguir.

Figura 1: Interseções entre as categorias Gênero e Educação nas pesquisas estudadas



Fonte: O autor, 2013

A figura 1 acima demonstra a interrelação entre educação e gênero. Iniciando-se a leitura pelo círculo central encontra-se as categorias relacionadas as ordenações de gênero, nos círculos da direita os fatores relacionados ao sexo feminino e da esquerda retrata-se fatores relacionados ao sexo masculino. Grande parte dos textos ao tratar da educação e gênero, relacionava estes temas à formação profissional. As pesquisas discutiam a contribuição da educação para uma formação profissional bem sucedida em termos rentáveis em todas as circunstâncias.

Pesquisas revelam que as mulheres tendem a escolher carreiras ligadas a feminilidade, como enfermagem, educação, secretariado demonstrando que esta escolha está intimamente ligada aos



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

papéis sexuais, ou seja, profissões que requerem características como cuidado, afeto. Portanto, elas costumam escolher profissões ligadas à área das ciências humanas. Entretanto, os homens tendem a escolher as carreiras relacionadas ao estereótipo de provedor, de líder, isto é, carreiras da área de ciências exatas como engenharias, tecnologias (ARNOT, 2006; BRUJIN, 2000). Losh (2004) em sua pesquisa afirma que as mulheres ainda enfrentam uma série de desvantagens como: o acesso restrito no local de trabalho, a falta de confiança e prestígio assumindo assim, apenas lugares de assistente e não de gerência ou liderança. As mulheres tendem ainda a não preencher os lugares de engenheiros, técnicos, em geral preferem ficar como assistentes, professoras etc.

Na figura 1, à esquerda onde estão às categorias que mais se caracterizam pela predominância do sexo masculino, na relação entre gênero e educação observa-se a escola como aparelho ideológico do estado, dado que foi evidenciado pelos textos estudados, primeiro através dos livros didáticos e segundo pela interação ente o professor e o aluno.

Zittleman e Sadker (2002) pesquisaram 23 livros didáticos do período de 1998 à 2001. Esses livros eram usados para a formação de professores e a pesquisa constatou que apenas 7% do conteúdo desses livros falavam sobre a divisão entre os sexos e apenas 1% deles falava sobre métodos que pudessem minimizar as diferenças de gênero. Portanto conclui-se que pouco é feito para que se acabe ou reduza a discriminação de gênero. Tratamentos estereotipados fazem parte de uma realidade esperada nas salas de aula, pois se os livros didáticos dos professores em formação não abordam a questão de gênero afim de transformá-la, tampouco os livros dos alunos tratam da questão (OLIVEIRA, 2008; RIBEIRO, 2010). Portanto, sem a discussão crítica e reflexiva dentro de sala de aula essa realidade torna-se difícil de ser transformada.

As interações entre professores e alunos em sala também contribui para manter o sexismo. Estudos como o de Jones (1990) mostram que há diferenças nessas relações. O autor mostrou que os professores, de ambos os sexos, tendem a dar mais atenção e espaço para que os meninos. A pesquisa mostrou que muitas das vezes os professores além de não darem tanta abertura para as meninas, ainda às inferiorizam e ridicularizam. Como conseqüência elas ficam acanhadas para tomar iniciativas e participar mais efetivamente. Essa diferença também é vista no estudo de Kelly (1986) que constatou que os professores gastam cerca de 56% do seu tempo com os alunos e 44 % com as alunas, no final dos anos de escolaridade os alunos tem uma vantagem de aproximadamente



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

1800 horas a mais que as alunas. Portanto, Kelly concluiu que elas acabam ficando com 60 horas a menos de atenção.

A pesquisa de Brown et. al. (2000) relata a realidade de professoras negras da área de matemática. Nos seus depoimentos elas revelam que sofreram com o sexismo e o racismo nas aulas de matemática, sofreram também com a negligência e até exclusão por parte dos professores. Essas mulheres depois de terem vivido essas experiências, ainda quando alunas, nas suas aulas procuram criar um ambiente diversificado. Elas procuram dar mais oportunidade para as mulheres se expressarem. Essa pesquisa elucidou outro caso de diferença na interação entre professor e aluno. Nesse caso, as professoras é que sofriam com a interação dos alunos homens. Mesmo depois delas se tornarem professoras elas são confrontadas pelos rapazes nas suas aulas, pois eles não confiam no seu trabalho. Além disso, há uma preocupação por parte deles de perder a posição de autoridade, pois vigorava a ideia de que apenas os homens brancos davam aula de matemática, ou seja, a ideia da superioridade social ainda vigente.

O trabalho de Pilcher (2007) analisou os manuais educacionais britânicos voltados para o ensino e cuidado da área da saúde do período de 1870-1977. Ele mostrou que as meninas recebiam atenção em relação à educação e a saúde quando era pra elas manterem os seus papéis sexuais. Para as meninas os assuntos eram gravidez, cuidado com a saúde da família, sexo e prevenção e etc. Já a atenção dada aos meninos era menor, porém o assunto para eles relacionava-se à aquisição de força e habilidades para que assim eles pudessem ser inseridos no mercado de trabalho. Como se pode ver, a tendência desses manuais era formar homens e mulheres, com perspectivas binárias.

É possível constatar com os escritos acima que a educação tinha e tem a função de determinar e consolidar os parâmetros e as ordenações de gênero já existentes. Esse processo também é expandido através da televisão que funciona como mantenedora das realidades de gêneros que se vivencia na sociedade. A televisão copia, imita o que se vê na sociedade e consequentemente ela acaba por reafirmar os estereótipos, os estigmas, pois não representa de maneira fidedigna o que realmente ocorre na sociedade, na cultura (BROWNE, 1998).

O texto de Rivadeneyra (2005) analisou a influência da televisão no comportamento de jovens latinos. O que se constatou nesse texto foi que os estudantes latinos são levados a ter uma conduta de gênero tradicional, onde os homens são assertivos, fortes e controladores e as mulheres



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

submissas, obedientes e castas (p. 459). A TV os influencia a continuarem com esse comportamento que é bem relacionado à sua cultura latina. Essa influência é ainda maior para as mulheres, porque em comparação com os homens elas ainda assistem mais televisão.

Já os estudos de Long, Bolarsky e Thayer (2001) analisaram quatro personagens de desenhos infantis. Esses personagens estavam envolvidos com a área de ciências e retratou a questão de gênero com certa igualdade. As mulheres estavam nos desenhos, afirmando que elas também podem e estão trabalhando na área, porém as personagens eram sempre jovens e adultas enquanto que os personagens dos homens eram mais velhos, ou seja, demonstrando que elas ainda são inseguras e inexperientes e que necessitavam de supervisão. Com isso, elas nunca apareciam como líderes e sim como auxiliares dos homens. No fim, observou-se que havia um número maior de homens em relação às mulheres. O estudo mostrou que apesar dos programas terem avançado sobre a ideia da mulher estar inserida na área de ciências, o maior número de homens presente nos desenhos mostrou que ainda sustenta-se a ideia de que ciências não é algo voltado para elas.

Na figura 2 ao analisar o círculo do lado direito, onde estão as relações de gênero referentes ao sexo feminino, constatou-se uma realidade contrária à analisada anteriormente. Verificou-se que se educação for exercida de maneira diferente pode resultar efetivas mudanças nas relações de gênero. A educação voltada para o pensamento crítico e reflexivo das ordenações de gênero pode promover práticas que reduzam as diferenças e se aproximem mais da utópica equidade de gênero. Quando as mulheres têm mais acesso a educação isso gera um maior conhecimento por parte delas e para elas. Banwart (2007) analisou essa questão. A hipótese dele era de que os homens teriam menos conhecimentos políticos, porém eles se colocavam mais para debate ao contrário delas. A hipótese, porém não foi sustentada, pois ambos têm conhecimento e interesse a ponto de debater e se posicionar em relação a política.

Elas quando tem acesso a educação se tornam mais debatedoras, formadoras de opinião, pesquisadoras. Portanto, há a necessidade de serem realizadas pesquisas que falem sobre o lado da mulher, não no intuito de levá-las a serem sexistas e defensoras das mulheres, mas com o propósito de mostrar que ao considerar os seus pontos de vistas e conclusões, há uma maior possibilidade de se construir uma sociedade livre da desigualdade de gênero (CONNELL, 2009; ENSLIN,



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

TJIATTAS, 2006). A pesquisa de Koblitz (2005) falou de e sobre mulheres, de suas pesquisas e como isso contribuiu para que elas se posicionassem na sociedade.

English e Irving (2008) em seu estudo revelam um lado preocupante dessa questão. Eles mostram que os homens liberaram apenas as feministas reconhecidas para dissertarem sobre gênero. Entretanto, a temática seria liberada de acordo com a hierarquia dominante, ou seja, elas poderiam dissertar, mas falando apenas das diferenças sexuais, dos seus direitos, questões próprias do universo feminista. Isso faz com que os acadêmicos e futuros pesquisadores não construam novas visões e bases bibliográficas para pesquisas e sim apenas reproduzam o que já está sendo dito.

CONCLUSÃO

Observou-se que o saber gerado pela educação gera melhores oportunidades de emprego. Muitos estudos mostraram que quando o saber é ministrado de forma qualificada traz resultados positivos para a vida das mulheres. Elas conseguem quebrar barreiras e alcançar posições e salários que antes eram apenas dos homens como nas áreas de matemática, finanças administrativa e tecnológica (LAGESEN, 2008; ARNOT, 2006). O acesso ao conhecimento tem feito com que haja uma redução não só da discriminação de gênero, mas de raça também (ROSEN, TSAI, DOWNS, 2003; BROWN; CERVERO e JOHNSON-BAILEY, 2000).

Além de todos esses benefícios que o conhecimento tem gerado, deve-se ressaltar uma das maiores benfeitorias que o saber proporciona, o compromisso social de inclusão e reintegração de pessoas que não tiveram oportunidades e acabaram por parar no mundo do crime e da violência. Os artigos de Bloom, Owen, Deschenes (2002) e Spark, Harris (2005) revelam que as presidiárias além do apoio nos aspectos físicos, psicológicos, elas também precisam do apoio educacional-profissional. Os estudos mostraram que as presidiárias têm características comuns em relação à vida educacional, como a repetência, a evasão o que pode-se concluir que isso contribuiu para levá-las a uma vida de delinquência. Portanto, uma oportunidade de estudo e de desenvolvimento poderia as ter levado para um outro patamar. Esses estudos ressaltam que essa atenção deve ser dada a ambos os sexos, como uma oportunidade de regeneração do caráter social.



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

Neste texto foi possível observar as diversas nuances e caminhos que intercalam as temáticas de educação e gênero. A educação pode, portanto, funcionar como propulsora da profunda e enraizada diferença sexual de gênero (OKIN, 1989) ou como libertadora, como chave para gerar discussões que levem a igualdade não só de gênero, mas de raça, classe etc.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARNOT, M; MAC, GHAILL, M. M. A. The Routledge Falmer Reader In Gender And Education. NY, London: Routledge , 2006.
- BANWART, M. C. Gender and Young Voters in 2004: The influence of perceived knowledge and interest. American Behavioral Scientist. Vol. 50, n.9, 2007.
- BLOOM, Barbara; OWEN, Barbara; DESCHENES, Elizabeth Piper; ROSENBAUM, Jill. Moving Toward Justice for Female Juvenile Offenders in the New Millennium: Modeling Gender-Specific Policies and Programs. Journal of Contemporary Criminal Justice, Vol. 18, No. 1, pp. 37-56, February 2002.
- BOK, M. Education and Training for Low-Income Women: An Elusive Goal. Affilia, vol. 19, n.1, p.39-52, 2004.
- BROWNE, B. A. Gender stereotypes in advertising on children's television in the 1990s: A cross-national analysis. Journal of Advertising, 27, 83-96, 1998.
- BROWN, Angela H.; CERVERO, Ronald M. and JOHNSON-BAILEY, Juanita. Making the Invisible Visible: Race, Gender, and Teaching in Adult Education. Adult Education Quarterly, Vol. 50 No. 4, pp.273-288, August 2000.
- BRUIJN, E. de; VOLMAN, M. Changes in Occupational Structure and Occupational Practice – A Challenge to Education. The European Journal of Women's Studies, vol. 7, n.4, 2000.
- CARNOY, Martin (1990). Estado e Teoria Política, Campinas, Papirus.
- CONNEL, R. W. Introduction: Studying Australian Masculinities. Ligs, 3 no. 2, December 1998.
- CONNELL, R. W. Male Roles, Masculinities and Violence: A Culture of Peace Perspective. Paris, UNESCO Publishing, 2009.
- ENGLISH, Leona M.; IRVING, Catherine J. Reflexive Texts: Issues of Knowledge, Power, and Discourse in Researching Gender and Learning. Adult Education Quarterly, Vol. 58, N. 4 pp. 267-283, August 2008
- ENSLIN, P.; TJIATTAS, M. Educating for a Just world without gender. Theory and Research in Education, vol. 4, n.1, 2006.
- FERREIRA, Norma Sandra de Almeida. As pesquisas denominadas “estado da arte”. Educação & Sociedade, São Paulo, ano 23, n. 79, p.257-272, ago. 2002.
- FOSTER, Michele. Race, Class, and Gender in Education Research: Surveying the Political Terrain. Educational Policy, vol.3, n.1, p.77-85, 1999.
- GOODEN, S. Examining racial differences in employment status among welfare recipients. In Race and welfare report (n.p.). Oakland, CA: Grass Roots Innovative Policy Program, 1997
- JONES, M. Gail. Gender Issues in Teacher Education. Journal of Teacher Education , 1990



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

- KOBLITZ, Ann Hibner. Gender and Science – where science is on the margins. *Bulletin of Science, Technology & Society*, Vol. 25, No. 2, April 2005
- LAGESEN, Vivian Anette. A Cyberfeminist Utopia? Perceptions of Gender and Computer Science among Malaysian Women Computer Science Students and Faculty. *Science Technology Human Values*, vol. 33, n.1, pp. 005-027, 2008.
- LINHARES, Luciano Lempek; MESQUIDA, Peri; SOUZA, Laertes L. de. Althusser: A escola como aparelho ideológico do estado. (2007) Disponível em: <<http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2007/anaisEvento/arquivos/CI-204-05.pdf>>. Acesso em: 07/02/2013
- LONG, M.; BOLARSKY, G.; THAYER, G. Gender and racial counter-stereotypes in science education television: a content analysis. *Public Understanding of Science*, n.10, p. 255-269, 2001.
- LOSH, Susan Carol. Gender, Educational, and Occupational Digital Gaps 1983-2002. *Social Science Computer Review*, 22; 152, 2004
- MARX, K.; ENGELS, F. A ideologia alemã / Karl Marx e Friedrich Engels ; [introdução de Jacob Gorender] ; tradução Luis Claudio de Castro e Costa. -São Paulo : Martins Fontes, 1998.
- MATTOS, C. L. G. de; CASTRO, P. A. de. Relatório Final da Pesquisa Fracasso Escolar: Gênero e Pobreza. CNPQ, 2008-2010
- MESSINA, Graciela. Estudio sobre el estado da arte de la investigacion acerca de la formación docente en los noventa. Organización de Estados IberoAmericanos para La Educación, La Ciencia y La Cultura. In: REUNION DE CONSULTA TÉCNICA SOBRE INVESTIGACIÓN EN FORMACIÓN DEL PROFESORADO. México, 1998.
- OKIN, S.M. Justice, Gender, and the Family. New York: Basic Books, 1989.
- OLIVEIRA, Sara. Texto visual, estereótipos de gênero e o livro didático de língua estrangeira. *Trab. linguist. apl.* [online]. 2008, vol.47, n.1, pp. 91-117. ISSN 0103-1813.
- PILCHER, J. Childhood, gender and school health education in England. *Childhood*, n.2, 2007.
- PITZ, W.; DELGADO, G. Race and recession. Oakland, CA: Applied Research Center, 2002.
- RIVADENEYRA, Rocío; WARD, L. Monique. From Ally McBeal to Sábado Gigante: Contributions of Television Viewing to the Gender Role Attitudes of Latino Adolescents. *Journal of Adolescent Research*, Vol. 20, No. 4, July 2005.
- ROMANOWSKI, J. P.; ENS, R. T. As pesquisas denominadas do tipo “estado da arte” em educação. *Revista Diálogo Educacional*, v. 6, n. 19, set-dez, 2006
- ROSEN, Allison B.; TSAI, Jerry S.; DOWNS, Stephen M. Variations in Risk Attitude across Race, Gender, and Education. *Medical Decision Making*, vol. 23, pp. 511-517, NOV–DEC 2003
- SPARK, C.; HARRIS, A. Vocation, vocation – a study of prisoner education for women. *Journal of Sociology*, vol. 41, n. 2, 2005.
- WARDE, Mirian Jorge. Os condicionantes sociais da oposição entre teoria e prática na educação. In: *Educação e estrutura social: a profissionalização em questão*. São Paulo: Moraes, 1983.
- ZITTLEMAN, K.; SADKER, D. Gender Bias in Teacher Education Texts: new (and old) lessons. *Journal of Teacher Education*, vol. 53, n.2, March/



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO